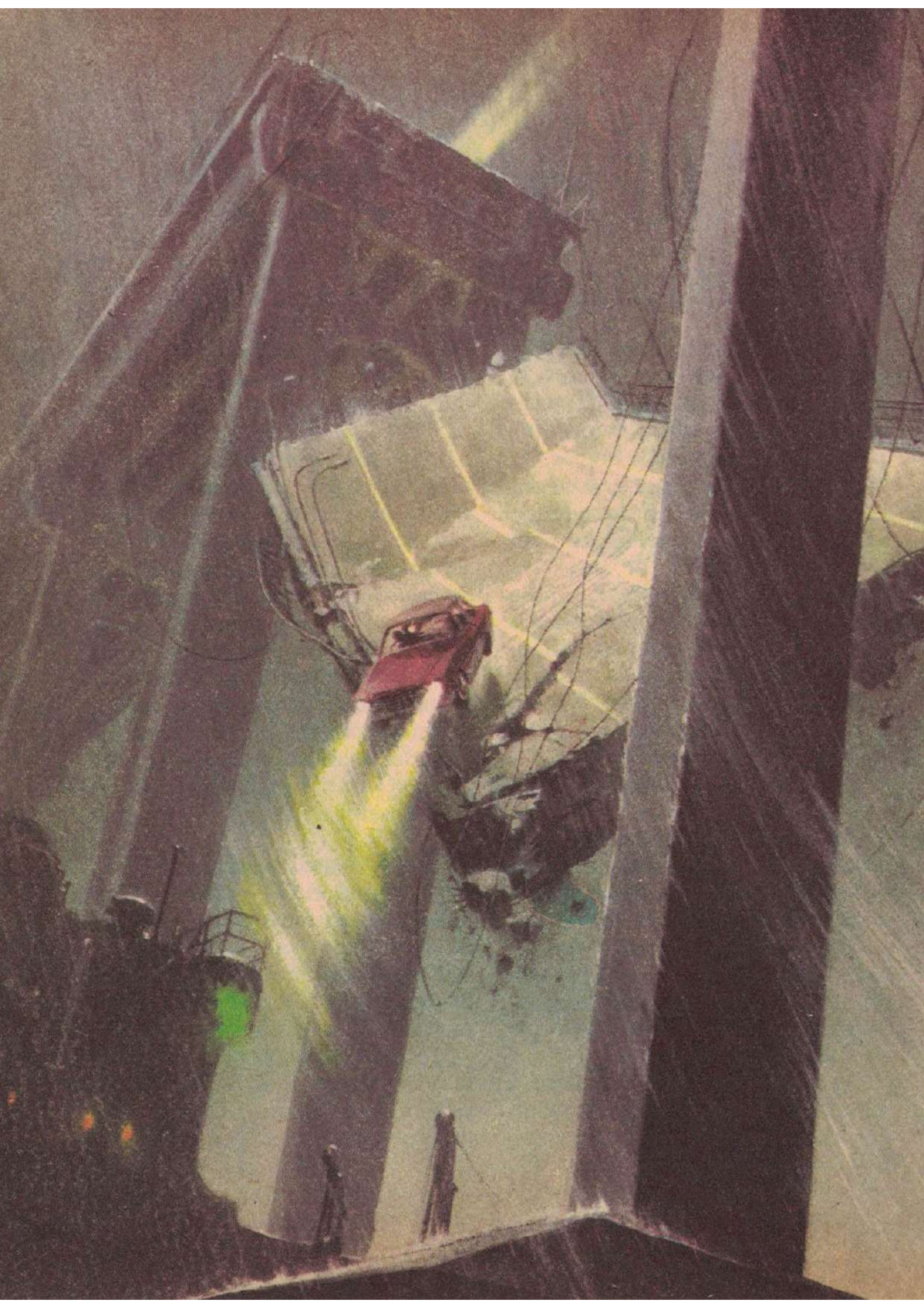




Na ponte destruída e nas águas geladas que sob ela corriam, uma terrível tragédia se desenrolava

Desabou a ponte!

STEPHEN JOHNSON

As 21:28 de um domingo de garoa, em janeiro de 1975, o navio graneleiro *Lake Illawarra*, de 7.273 toneladas, abalroou com um ruído impressionante dois dos pilares da ponte Tasman, que liga a cidade de Hobart, na Tasmânia, com seus subúrbios da zona oriental. Encontrando-se na casa de um primo, em Montagu Bay, quase por baixo da ponte, o policial William Fair correu para a janela da frente, ainda a tempo de ver quando mais de 125m do tabuleiro da ponte e os faróis de pelo menos um carro rodopiaram no ar e mergulharam de uma altura de 45m nas águas escuras do estuário do Derwent.

Fair correu para fora em direção a seu carro da radiopatrulha, pegou o microfone do transmissor-receptor e disse: «Aqui, carro RP 76. Desabou a ponte!» Quase nesse mesmo instante, um seu companheiro, em outro carro da polícia que estava na

margem do rio do lado da cidade, confirmava a horrível notícia.

Construída em 1964, a Tasman era a ponte (sobre água) mais comprida de toda a Austrália; a distância entre os seus encontros, em ambas as margens, era de quase um quilômetro – duas vezes o comprimento do vão central da ponte do porto de Sydney. A gente de Hobart tinha batizado a ponte de «Pernas Longas» por causa dos 22 pilares de concreto que a suportavam.

Impelido para os lados pela correnteza, tentando desviar-se quando passava por baixo da ponte, o *Lake Illawarra* foi chocar-se primeiro com um e depois com outro desses pilares, fazendo que três vãos de pavimento vergassem e cedessem. Milhares de toneladas de aço e de concreto ruíram sobre o malfadado navio, mandando-o de proa para o fundo.

Pouco antes de ter o *Lake Illawarra* colidido com os pilares da

ponte, Murray Ling, de Bellerive, entrou com seu carro na rampa de acesso do lado da cidade. Com sua mulher, Helen, e dois filhos, Andrew e Peter, estava tentando chegar em casa depressa para ajudar suas duas filhas que iam dar um jantar de beneficência para as obras de sua igreja.

Quando as luzes da ponte subitamente se apagaram, o primeiro pensamento de Ling foi para as duas filhas, que estariam agora enfrentando o problema da falta de luz em sua festa. Pisou forte no acelerador, mas, à medida que o velocímetro chegava aos 80km/h, notou que as luzes de Hobart e do subúrbio de Lindisfarne, na costa leste, continuavam acesas. Suspeitando que algo tivesse acontecido, cautelosamente diminuiu a marcha.

Nesse instante, um carro ultrapassou-o em alta velocidade pela pista de fora... e desapareceu à sua frente. Ling pisou fundo no freio e parou com uma derrapagem a menos de um metro do negro abismo.

A voz de Helen Ling quebrou o silêncio aturdido. «Volta! Volta!» gritou ela.

Pelo espelho retrovisor, Ling podia ver faróis de carros se aproximando. Se esses carros derrapassem no pavimento escorregadio e batessem no seu por trás, ele e a família seriam jogados para fora da ponte.

«Saiam do carro!» gritou ele. «Saiam depressa!»

Enquanto Helen e os meninos corriam para um lugar seguro na faixa de pedestres que ladeava a

ponte, Murray pulou para o meio da pista e começou a acenar para o carro que se aproximava. Horrificado, viu o carro desviar-se dele e precipitar-se no abismo.

Enquanto isto, Helen ajudava Andrew, de cinco anos, a passar por cima da balaustrada para a faixa de pedestres. Estava quase a largá-lo quando Peter, de 12 anos, que já tinha subido na balaustrada, gritou: «Não, mamãe! Não tem nada do outro lado!» Helen puxou Andrew de volta. Um cano de 45cm de diâmetro rompera e o jato de água destruíra a passagem de pedestres.

Neste momento, outro carro se aproximava da extremidade da ponte do lado de Hobart. Nele vinham Frank e Sylvia Manley, sua filha Sharon, adolescente, e Dick, irmão de Sylvia. Quando as luzes da ponte se apagaram, eles estavam ouvindo a transmissão de um jogo de críquete entre a Austrália e as Índias Ocidentais, realizado na cidade australiana de Perth. Sylvia, que tentava ver através da neblina o que estava havendo, gritou: «Oh, meu Deus! A ponte caiu! Pare, Frank! Freie o carro!»

Frank pisou com força no freio. «Não consigo», disse. «É tarde demais!» Sentiu-se um solavanco e um arranhar por baixo do carro, quando as rodas da frente galgaram o rebordo quebrado da pista. O automóvel ficou pendurado, balançando para trás e para frente.

Quando o vaivém ficou menos violento, Sylvia perguntou: «Podemos dar marcha à ré?»

«Acho que não», respondeu Frank com voz fraca.

«Pelo amor de Deus, vamos fugir daqui!» exclamou Dick. Ele, Sylvia e Sharon saíram pela porta do seu lado e encontraram chão firme. Frank abriu a porta do lado do motorista e pôs um pé de fora, cautelosamente. Não havia nada por baixo!

Sabendo que, se entrasse em pânico, estaria perdido, Frank esticou os braços por cima da cabeça e com ambas as mãos agarrou-se à calha do teto do carro. Esgueirando o corpo de lado, mas ainda meio sentado no banco, lentamente deixou escorregar as mãos ao longo da calha. Depois de se sentir bem seguro, estendeu a perna até tocar com o pé o pavimento da ponte, e saiu do automóvel.

Os quatro estavam agora sobre a ponte, que ainda tremia, e olhavam incrédulos para o carro oscilante, quando Peter Ling gritou da pista ao lado: «Vêm vindo mais carros, mamãe! Temos de fazê-los parar.»

Helen Ling pegou os dois filhos pelos braços e começou a correr para a parte mais elevada da ponte. Os Manleys avançavam na mesma direção, gritando para ver se conseguiam fazer parar o motorista que se aproximava. Ele não deu mostras de diminuir a marcha.

«Sai da frente!» gritou Frank Manley para a mulher. Sylvia atirou-se para o lado e o automóvel bateu na traseira do de Ling, deixando-o com as rodas da frente por cima da borda da ponte, ao lado do carro de Manley.

Com as pernas trêmulas, Murray Ling aproximou-se da janela do motorista e disse à mulher que estava ao volante: «Se este carro não estivesse aqui, você ia parar lá no fundo do rio.» A mulher estava pálida e sem fala.

Enquanto Frank Manley e Murray Ling permaneciam na borda quebrada da ponte, como última defesa para os motoristas desavisados, suas famílias correram para a parte mais elevada da pista. Um ônibus passou a grande velocidade e o motorista não ligou a seus gritos; as mulheres então preveniram os maridos, e Murray Ling avançou agitando os braços. O ônibus continuava. Ling começou a correr ao lado da janela do motorista e gritou: «Caiu um pedaço da ponte! Pare, pare!»

Os pneus do ônibus guincharam com a freada, e o motorista fez uma curva rápida em U. Os passageiros todos gritaram quando um lado do ônibus bateu fortemente contra a balaustrada. Trêmulo mas aliviado, Murray viu o ônibus, em segurança, afastar-se rápido e desaparecer na parte mais alta da ponte.

Nesse momento, a polícia já entrara em cena. Graças aos Lings, aos Manleys e a outros como eles, muitas pessoas escaparam por milagre nessa noite. Dirigindo-se para Hobart, Tim Wark, de 18 anos, e sua namorada, Rosemary Hickman, viram a ponte desabar na sua frente. Tim freou, virou rapidamente em sentido contrário e parou o carro a meio da pista. Avançou a pé, gri-

tando e agitando os braços, enquanto Rosemary ficou no carro tocando a buzina e piscando os faróis como aviso.

Só por sorte é que dois outros motoristas, John McKenzie e Norman Oakes, escaparam da morte.

Quando se dirigia à cidade para visitar um amigo, John sentiu uma súbita rajada de vento sacudir seu carro de lado. Não se preocupou muito com isso, e só ao chegar ao seu destino é que o amigo lhe disse que a ponte ruíra. Só então é que John começou a relacionar isso com a rajada de vento.

Norman Oakes deve ter sido a última pessoa a atravessar a ponte. «Ouvi um tremendo baque, e meu carro sacudiu violentamente», recorda ele. «Por momentos, pensei que o carro que eu tinha acabado de ultrapassar tivesse batido no meu, mas, no instante em que olhei para trás, vi os faróis dele baixarem e desaparecerem. Dei uma freada e voltei devagar. Notei então que um pedaço da ponte estava faltando.»

O Dr. Thomas Jones foi muito infeliz. Nessa noite, havia ido visitar sua mulher, que estava moribunda no Royal Hobart Hospital, e tinha ficado em companhia dela até depois do último toque para a saída das visitas, às nove horas. Foi então para casa, tomando o caminho da ponte. Nem ele nem seu carro voltaram a ser vistos. Sua mulher morreu quatro dias mais tarde, sem saber que o marido desaparecera.

Enquanto, sobre a ponte quebrada, o drama se desenrolava, embai-

xo, nas águas negras e geladas do estuário do Derwent, pessoas corajosas e decididas lutavam para salvar vidas.

Seis minutos após a colisão, James Cooper, veterano capitão do rebocador *Cape Bruny*, já estava no local. Nesse momento, apenas a popa do *Lake Illawarra* continuava fora da água, e ele podia ver gente saltando pela amurada. Apanhou 19 sobreviventes.

Com pouco, uma flotilha de pequenas embarcações tomava parte nos trabalhos de busca. Essa noite fez muitos heróis.

Em Rosny Esplanade, a 800m da ponte, Jack Read se deliciava com um jantar em família, admirando a maravilhosa vista das luzes da ponte, quando se ouviu um estrondo que sacudiu violentamente a casa. O reflexo da ponte na água desapareceu. Read correu para o telefone, mas o número de emergência da polícia já estava em comunicação. «Vamos, Kevin», disse para seu filho que tinha vindo de Port Moresby passar as férias em casa. Juntos, remaram até onde seu iate estava ancorado.

Experientes iatistas, que já tinham com seu barco de 9m, o *Mermerus*, enfrentado o alto-mar no Pacífico, os Reads dentro em pouco estavam por baixo do lugar onde a ponte quebrara. Ouviram gritos de socorro, e Kevin apontou sua lanterna para um vulto que lutava contra a água. Auxiliado pelo pai, puxou para bordo um tripulante do navio e deitou-o no topo da cabina.

Não estavam a mais de 30m quando, com um ronco surdo, a popa do *Lake Illawarra* afundou. Uma onda impeliu o *Mermerus* contra um pilar da ponte. Olhando para cima, os Reads puderam ver os faróis de dois carros pendendo sobre eles.

Vindo da água, ouviu-se outro débil pedido de socorro. Um homem, sem colete salva-vidas, bracejava exausto, já quase no limite de suas forças. Quando estavam içando para bordo do *Mermerus* o tripulante semi-inconsciente, ouviram um coro de gritos desesperados. Seis homens, numa embarcação inflável, tinham-se emaranhado numa confusão de cabos elétricos pendentes, alguns ligados ainda à corrente. Kevin lançou uma corda e rebocou o barco. Aí, o próprio mastro do *Mermerus* ficou preso num grosso cabo. Foi precisamente nesse momento que a lancha *Vigilant* da polícia surgiu da escuridão para prestar auxílio.

Exausto, Jack Read teve de ser hospitalizado. No dia seguinte, descobriu que na cama do lado se encontrava John Bush, tripulante do *Lake Illawarra*, que havia sofrido um ataque cardíaco. Bush disse a Read: «Vocês, os iatistas, têm nervos de aço. O concreto estava

caindo por todos os lados e vocês nem sequer se incomodavam.»

«Mas como?» replicou Jack. «Nós nem demos por isso.»

SABE-SE que cinco tripulantes do navio e quatro motoristas morreram na tragédia da ponte Tasman; dois marinheiros e um motorista (o Dr. Jones) foram dados como desaparecidos.

Num inquérito realizado no mês de abril, o capitão do *Lake Illawarra*, Boleslaw Pelc, de 60 anos, foi considerado culpado de navegação negligente. Mais tarde, ele sofreu perda da coordenação, atribuída a prolongado estado de choque, ficando desde aí incapacitado para a marinha mercante.

Três dias depois da tragédia, Sylvia Manley ainda se encontrava sob estado de choque, chorando convulsivamente horas seguidas. Frank Manley pediu férias e levou-a para repousar numa estância à beira-mar. Foram encontrar o motel repleto de vítimas de um pavoroso ciclone que havia arrasado a cidade de Darwin na véspera do Natal.

Sylvia confessa: «Ao ver aquelas pobres pessoas que tinham perdido suas casas e todos os haveres, subitamente compreendi a sorte que eu e minha família tivemos.»

NAO faz muito tempo, minha mulher resolveu fazer dieta. Um dia, quando voltei para casa um pouco mais tarde que o costume, encontrei-a sentada à mesa de jantar, atenta à sua tabela de calorias. «Já jantou?» perguntei. «Já», respondeu ela desanimada. «Só estou somando as calorias, para ver se estou satisfeita.»

— O. Ehrenhardt, Esslingen-Mettingen, Alemanha